

nacionalização das companhias de seguros, como pelo reatamento das relações com Portugal, rompidas quando da revolta da esquadra. Tomava iniciativa jornalística arrojada para a época: a ida de Felisbelo Freire a Buenos Aires e Montevideu para entrevistar o almirante Custódio José de Melo e outros elementos ali exilados. São colaboradores do jornal, nessa fase, Virgílio Várzea, Carlos de Laet, Araripe Júnior e Dunshee de Abranches. Publica então os primeiros clichês em xilogravura e os seus repórteres procuram competir com Ernesto Sena, do *Jornal do Comércio*, que é a estrela do gênero. Divulga o serviço da agência Havas, mas o principal do noticiário é o que diz respeito ao jogo do bicho, que aparece na primeira página.

As inovações técnicas na imprensa prosseguirão em 1895, já os jornais definindo-se com estrutura empresarial: aquelas inovações e esta estrutura estão intimamente ligadas. O primeiro prelo *Derriey*, italiano, para impressão de 5000 exemplares por hora, aparece nesse ano; nesse ano aparecem também os primeiros clichês obtidos por zincografia, com os gravadores Antônio Freitas e Antônio José Gamarra, do *Jornal do Brasil*. A produção do jornal (porque, agora, já se pode falar assim) compreende várias operações: “Preparado assim, o jornal vai para as prensas, onde se tira a *matriz*; e, obtida esta, coloca-se no *molde*, em que se despeja o chumbo quente, formando o bloco de cada página. Pronta esta primeira parte, a estereotipia, entra a folha nas prodigiosas máquinas rotativas Marinoni, máquinas que, montadas no fundo do térreo do edifício, ao lado da rua do Ouvidor, além de *imprimir, contam e dobram*, um por um, todos os exemplares, que vão saindo aos milhares”. Mas a distribuição continua sendo feita em carroças.

Os jornais mais vendidos do Rio continuam a ser a *Gazeta do Rio*, o *Correio da Tarde*, *O País*, o *Jornal do Comércio*, a *Gazeta de Notícias*, que contribuiu para o avanço da arte gráfica, na concorrência já séria entre os diários de maior circulação. Ferreira de Araújo, a 2 de agosto de 1895, escrevia: “A *Gazeta* iniciou, na imprensa do Rio, com o Hastoy, o serviço de zincografia, os *bonecos*, como o público lhes chama, tendo ainda há pouco tempo, como seu desenhista, um professor da Academia de Belas Artes, Belmiro de Almeida, que lhe forneceu excelentes páginas; o zincógrafo é o Cardoso, por assim dizer um discípulo da *Gazeta*”. O *Estado de São Paulo*, de seu lado, procurava acompanhar esse avanço técnico, como empresa estruturada que era. Dissolvida a Companhia Impressora, em 1895, a propriedade do jornal passa à firma J. Filinto & Cia. Júlio de Mesquita continua a ser um dos árbitros da opinião, com as suas notas políticas. Aparecem novas revistas literárias, no ano em que *A Semana* encerra